

# Cristina Ataíde, com o Oceano na palma das mãos

Na resposta a um questionário da Carpe Diem, quando lhe perguntavam «o que é que colocarias no teu cabinet de curiosités?», é fácil imaginar que Cristina Ataíde nem hesitou:

- Pedras que apanho pelo mundo.

As pedras e não só o Mundo, têm feito parte integrante do seu percurso. Peças desenhadas e desenhos executados em pedra na MADEIN, esculturas como o enorme toro em mármore que parecia pairar acima do solo, como se a gravidade não existisse, grandes passadeiras flutuantes com desenhos de cadeias de montanhas com os seus cumes rochosos, também elas erguendo-se no ar acima das nossas cabeças. Como se as pedras trouxessem consigo a majestade imperturbável do que é eterno, do que não deve obediência às leis do devir.

A eternidade, ou, para ser razoável e pedir o impossível, a resistência ao tempo, como se Cronos – “la pendule d’argent, qui ronrone au salon, qui dit oui, qui dit non”, nas palavras de Brel, et “qui dit “je vous attends”, – devesse ser de novo enganado. Cristina Ataíde, assumindo o papel de Reia, opõe-lhe a pedra. Mas não só.

Também o bronze em que se transformam os pequenos galhos de árvore tombados, as montanhas que, como santos ou ex-votos num oratório, são encerradas em redomas.

Bernard-Henri Lévy, num pequeno escrito de 1987, declara peremptório e em fim de capítulo que la littérature est, d’abord, affaire de métaphysique.

Não parece indiscutível que assim seja sempre: talvez não possamos expulsar da literatura nem, por exemplo, os policiais de Georges Simenon, nem Enid Blyton com

os seus Famous Five e o Noddy. E, certamente, parece um tanto aventuroso procurar nas suas obras, pelo menos nas deambulações dos Cinco ou nas andanças do comissário Maigret, uma preocupação metafísica. Mas não será necessário citar os nomes de Pessoa, de Kafka, de Camus para sabermos que, as questões de que a metafísica tradicional se ocupava estão frequentemente presentes na obra dos escritores.

O que Bernard-Henri Lévy escreve da literatura, aplica-se, e por iguais razões, à obra de pintores que ousaram pintar, para não irmos mais longe, anjos, santos, céus e infernos, o próprio Deus. E outro tanto fizeram arquitectos que ergueram catedrais, escultores que as dotaram de imagens.

Na obra de Cristina Ataíde nada é assim tão óbvio, mesmo tendo em conta a sua exposição de 1995 no Mosteiro de São Martinho de Tibães, Alguns pecados e uma virtude, em que, com uma boa dose de ironia (mas «ironia» não significa, antes de mais, «interrogação», «pesquisa?»), temas religiosos são abordados como se uma cama de ferro ou freirinhas, de que se vê apenas as toucas, a tomar banho num lago, tivessem sido pensadas para a encenação de um auto medieval, em consonância, aliás, com a claustração, hortas e pomares.

Sabemos desde o positivismo de Conte que a Metafísica é um campo de incertezas, interdito à razão humana que não tem barco nem vela que a levem a essas paragens. Mas como os viajantes que buscavam o El Dourado, nenhum viajante compulsivo, nenhum verdadeiro crente desiste da peregrinação, da demanda, seja do Santo Graal, seja de um qualquer Preste João das Índias ou das minas de Salomão. Peregrina-se, o mais das vezes, contra os ditames da razão, talvez porque “acima das percepções sensoriais e da actividade mental, há a imensidade do ser”, como escreveu Ro-

man Roland. E acrescenta numa carta a Freud, que o sentimento desta imensidade “pode muito bem não ser eterno, mas simplesmente sem limites perceptíveis, e como que oceânico”.

Um pouco como uma gaivota, Fernão Capelo (ou Jonathan Livingston Seagull), que se aventurasse para longe de terra, a perder de vista, pairando muito lá acima, as asas abertas ao vento. A perfeição do seu voo, a altitude, a imensidade do oceano representariam para ela a liberdade sem limites, a exultação, provavelmente a vida plena, nem que fosse por instantes. Talvez a experiência por momentos da infinitude no espaço e no tempo. De um sentido para o facto de estar vivo.

Um pouco também como Cristina Ataíde, correndo à volta do Mundo, trazendo pedras para o seu cabinet de curiosités, salvando instantes irrepetíveis, aquelas fracções de nada que separam o tique e o taque da pendule d’argent, expondo à neve que caía em Nova Iorque sucessivas folhas de papel, 5 seconds of snow, trinta e um minutos, quarenta e cinco, até 50 minutes without snow, ou 23 minutes of sun.

Nós, aqueles a quem para atingir esse além “faltou o golpe de asa”, como se acusa Mário de Sá-Carneiro no poema «Quási», resta-nos contemplar o céu e as nuvens, os pássaros, centrando-nos debaixo de um tripé (Observador de Céu), e olhando para cima, ou espreitarmos ao longo de um cilindro de mármore (Ser e Nada) ao fundo do qual, com uma luz acesa se vê o sol; com ela apagada, um eclipse.

*Rui Costa Lopes, Outubro de 2016*